

RELAÇÕES DE GÊNERO E CASAMENTO EM FILMES ANIMADOS DA DISNEY

Eixo Temático Sexualidades e Gêneros na Educação das Infâncias

Aline Alves Machado ¹
Tânia Regina Zimmermann ²

RESUMO

Esta pesquisa objetiva compreender e problematizar representações das relações de gênero que princesas dos filmes animados da Walt Disney disseminam destacando-as como protagonistas, personagens histórico-culturais e simbólicas do feminino. A pesquisa é qualitativa interpretativista e parte da metodologia da revisão bibliográfica e estudo a partir dos aportes feministas e de gênero, estabelecendo aproximações com perspectivas culturais e alguns pressupostos foucaultianos, promovendo atravessamentos entre os campos da história, cinema e educação. Como resultado foi possível aferir uma relação intrínseca entre fortalecimento das discussões de gênero e as transformações no estereótipo das últimas princesas contemporâneas da franquia Disney Princesa.

Palavras-chave: Filme de animação. Princesa. Gênero. Feminino. Casamento.

INTRODUÇÃO

O cinema de animação detém um poder formativo e representativo; apresenta uma infinidade de possibilidades, de modo que, nas últimas décadas, o cinema animado também aparece como uma fonte de pesquisa requisitada nos estudos históricos, e, inclusive, nos Estudos Culturais, Feministas e de Gênero. Portanto, a presente pesquisa analisa a representação das princesas dos filmes animados da Disney, e a partir destes, os

¹ Mestre do Programa de Pós-Graduação em Educação PGEDU/UEMS - MS, line_alma@hotmail.com;

² Doutora em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora da graduação e pós-graduação da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) - MS, taniazimmermann@gmail.com.

padrões de comportamentos que são reproduzidos, reforçados, reatualizados e/ou marginalizados.

Para tanto, nos propomos a uma análise histórica feminista e de gênero, com foco no recorte temporal de 2012 a 2016, período no qual selecionamos como corpus documental dois filmes: Valente (2012) e Moana – um mar de aventuras (2016). Compõe-se de uma pesquisa qualitativa interpretativista desenvolvida a partir da metodologia da revisão bibliográfica e estudo a partir dos aportes feministas e de gênero, estabelecendo aproximações com perspectivas culturais e alguns pressupostos foucaultianos, promovendo, assim, atravessamentos entre os campos da história, do cinema e da educação.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Inicialmente, levantamos e listamos todas aquelas princesas que compõem a franquia Disney Princesa e seus respectivos doze filmes. Entretanto, diante da amplitude do *corpus* documental da pesquisa, sentiu-se a necessidade de melhor delimitá-lo. Deste modo, optou-se por trilhar o caminho de pesquisas as duas últimas princesas (Merida e Moana) que compõem a franquia referentes aos filmes: Valente (2012) e Moana – um Mar de Aventuras (2016).

Após feita a seleção e delimitação das princesas e seus respectivos filmes animados, esses foram assistidos repetidas vezes, analisando-se a ficha técnica de cada um (direção, produção, gênero, enredo, roteiro, os personagens, o cenário, o ambiente, a época retratada, se foi ou não baseado em alguma obra/conto/lenda e outros) e observando-se a imagem representativa de cada princesa, incluindo cenas selecionadas, figurinos, pontos comuns (ou de tensão) e o desfecho das histórias (NAPOLITANO, 2008).

REFERENCIAL TEÓRICO

O cinema, como representação das relações de poder, é um dispositivo de produção de subjetividades, e, em consonância, nesta pesquisa, considera-se que os filmes selecionados estão imersos em um regime de verdade (FOUCAULT, 1996) ligado ao período histórico em que foram produzidos. Desta forma, os filmes reproduzem e perpassam uma verdade, atravessada pelas relações de poder. Analisar o feminino a partir

desse artefato cultural de poder é permear sobre os caminhos foucaultianos aproximando-os aos Estudos Feministas e de Gênero.

As tecnologias de gênero são um conjunto de aparelhos semióticos que formam representações sobre o feminino e o masculino figurando identidades, valores, códigos de conduta e hierarquias sociais. Deste modo, o filme, como parte do aparelho cinematográfico, também é uma tecnologia de gênero. De Lauretis (1994), ainda, em sintonia com os movimentos feministas, acredita que gênero é historicamente construído, assim como as tecnologias de gênero contribuem para a representação do gênero e suas respectivas relações de poder e hierarquia.

Diante do exposto, os Estudos Feministas e de Gênero têm seu destaque na análise das personagens dos filmes animados que compõem o corpus documental desta pesquisa, e, a partir destes, identificamos uma transição na representação das princesas da franquia. Assim, a personagem que antes era indefesa, passiva e submissa perdeu espaço para uma protagonista mais heroica, plural e ativa, que luta por seus sonhos e ideais (KESTERING, 2017). Essa heroína destaca-se por sua personalidade ativa e suas conquistas, e essas histórias de mulheres fortes, cada vez mais, vêm sendo incorporadas pela produtora cinematográfica Walt Disney como uma nova e atualizada vertente de princesa.

Uma característica marcante do universo das princesas é o casamento. Em consonância, essa é a síntese do final da maioria das histórias de princesas: ‘era uma vez uma linda princesa que se casou com um príncipe encantado e eles viveram felizes para sempre’, que reflete a crença de que a união heteronormativa seria o fim do problema de todas as mulheres. Mas não é bem assim. Segundo Bloch (1995), o amor romântico é uma invenção, pois a história do casamento advém de tratados medievais negociados entre as famílias. Por conseguinte, também é uma invenção da sociedade patriarcal as histórias romantizadas e estigmatizadas, nas quais há o aparecimento do príncipe encantado salvador da princesa indefesa; na verdade, essas histórias reforçam o patriarcalismo e erroneamente vinculam que a mulher deve esperar paciente e esperançosamente por um casamento (ou príncipe) e a formação de uma família:

A história do casamento começa com a projeção em um lar e em uma futura família. A família é uma instituição social bastante antiga, que ganhou, ao longo da história, significações diferenciadas. Contudo, pressupõe como características essenciais, a mútua proteção e a segurança. De agrupamento primitivo que lutava pela subsistência, este relacionamento grupal passou a ser sinônimo de ligação por laços afetivos, e que desenvolve em seus membros um

forte sentimento de pertença, independentemente de sua ligação sanguínea. (MARIZ, 2017, p. 78).

Porém, o que não se conta nessas histórias de contos de fadas é que esse agrupamento consolidado pelo patriarcado é um bom negócio para os homens, pois passam a ter quem os serve: aquela que cuida da casa, de suas coisas, de suas roupas, de sua comida e dos/das seus/suas filhos/filhas. No sistema patriarcal, o homem é o provedor e a mulher a cuidadora do lar; cabe a ele convencê-la de que a união será um conto de fadas! Entretanto, há tempos que a revolução feminista descortinou que as coisas não são tão simplistas ou que as mulheres querem - e podem - mais.

Nesse sentido, observa-se que essa dissociação da princesa ao casamento é uma tendência recente dos filmes animados da Disney, ou seja, o final feliz associado ao casamento não é mais a marca das princesas que compõem o corpus documental analisado, mas sim é a ausência deste, visto que não há casamento com Merida ou Moana. Ainda, é possível notar que unicamente no filme Moana (2016) não há expectativa de que a protagonista se case, sendo que a questão do matrimônio não é nem citada no enredo; essa não seria nem a preocupação de Moana e/ou cobrança familiar perante a sociedade. Em contrapartida, espera-se que ela seja a chefe da aldeia e a governe, ou seja, seja uma jovem emancipada que lidere homens e mulheres. Cabe perceber que aqui pautas dos movimentos feministas mudaram os rumos do atual enredo, o qual foi construído dando voz, vez e lugar à princesa contemporânea.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nossa análise observamos que o filme Valente (2012) é aquele no qual há discursos enfáticos de dissociação da ideia de princesa e seu respectivo casamento, já que Merida é a primeira princesa que ousa romper drasticamente com o padrão clássico de final feliz de suas antecessoras. Ao descobrir que estava prometida ao casamento a um dos filhos dos três clãs vizinhos, utilizou o seu poder real para resistir às regras familiares, renegou a ideia de ser uma mulher dada como prêmio a um homem e rebelou-se, conforme diálogo entre ela e a mãe Elionor:

Elinor: Merida, foi para isso que se preparou toda a sua vida!

Merida: Não, foi para isso que você me preparou toda a minha vida. Eu não vou aceitar isso! Não pode me obrigar! [...]

Elinor: Merida, é um casamento. Isso não é o fim do mundo! (VALENTE, 2012).

Merida resiste ao casamento imposto pela família. Elionor, por sua vez, orienta a filha a perceber que em consequência dos seus atos insanos uma guerra poderia ser eclodida entre os clãs, mas sem sucesso. Diante da resistência da filha, o conflito entre mãe e filha se delonga durante todo o enredo, e ao final, fica decidido que aos jovens - homens e mulheres -, caberá escolherem seu próprio destino. Assim, cai por terra o casamento heteronormativo como imposição inegociável, natural e cristalizada de gênero.

Após Merida romper com o ideal de “boa mulher” (BEAUVOIR, 2009), é a vez de Moana. No filme *Moana – um Mar de Aventuras* (2016), a temática de casamento heteronormativo não é o foco do enredo, revelando que o mito do amor romântico foi de vez rompido no padrão das princesas Disney como construção da identidade feminina, visto que a história não possui nenhum príncipe encantado e/ou interesse romântico por parte da antiprincesa. Ela enfrenta seus medos, desafios em busca de cumprir sua missão, distanciando-se do perfil de princesa que precisa ser salva. A busca constante de Moana é encontrar a si mesma, o seu lugar.

O que observamos é uma amizade entre Moana, a escolhida pelo oceano para devolver o coração da deusa Te Fiti, e o semideus Maui, que o teria roubado há 1.000 anos. De início, Maui não tem interesse em ajudá-la, mas Moana muito astuta e persistente vai convencendo-o a acompanhá-la em sua aventura. O semideus, por sua vez, chega a desprezá-la e ridicularizá-la quanto ao gênero, ironizando “Então, filhinha do chefe... Você não devia estar na aldeia cuidando os bebês?” (VALENTE, 2012), aproximando-a do perfil “esposa-mãe-dona-de-casa”. Isso ocorre porque Moana foge à norma patriarcal em que uma mulher deve ser um corpo delicado; ela é a heroína que protege seu povo ao invés de ser protegida por um homem: veleja, escala montanhas, enfrenta monstros e luta tendo como arma um remo; tradicionalmente, esse tipo de comportamento é ligado ao estereótipo masculino, visto que mudanças nos estereótipos de gênero estão à vista.

É importante ressaltar que o que se discute aqui não é o estereótipo de que uma mulher ou princesa feminista não deve se casar – e não há nada de retrógrado nisso - o importante que as escolhas sejam respeitadas, e não impostas. O que estamos discutindo é que o casamento deve ser uma opção às mulheres, mas nunca uma obrigação imposta socialmente e/ou pela família. Assim, o que nos importa aqui são os finais alternativos da Disney perante o casamento heterossexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema, entendido como dispositivo é uma tecnologia de gênero, que produz artefatos culturais e promove a disciplinarização dos corpos, reproduzindo o que deve ser reprimido e o que deve ser naturalizado como modo de ser na sociedade. Em consonância, os filmes animados de princesas da Companhia Walt Disney são poderosos recursos midiáticos de reprodução de um modelo hegemônico de feminilidade como um regime de verdade a ser seguido por meninas e mulheres; esse princesamento ideal equivale à docilização do corpo feminino – que deve ser obediente, passivo, silenciado, belo e seguir padrões patriarcais – e isso foi questionado e tensionado nesta pesquisa.

Em suma, aproximação da franquia Disney Princesa com o feminismo é algo complexo e contraditório. Deste modo, analisamos que, apesar das mudanças aqui dissertadas, as princesas remanescentes da Disney ainda aparecem representadas dentro de um padrão de normalização e disciplinarização, de forma que os filmes da Disney podem ser entendidos como ferramentas de manipulação do discurso cultural e reprodução dos padrões patriarcais - de forma a não chocar o público já conquistado.

Desta forma, queremos dizer que a educação de meninas e mulheres não deve estar voltada para a reprodução do estereótipo padrão e clássico de princesa. O que propomos é o encorajamento de meninas e mulheres para que sejam educadas a serem e agirem da forma que quiserem, pois, a exemplo das protagonistas fílmicas, o feminino pode e deve alçar voos mais altos, tais como: uma ativista por direitos feministas (Merida) e/ou uma heroína salvadora de uma nação (Moana) – no sentido de não estarem presas a padrões e/ou estereótipos do princesamento, mas, também, claro a não discursos meritocráticos vazios ou sem fundamentação histórica feminista de gênero³.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 807 p.

³ Essa pesquisa é recorte da pesquisa de mestrado: MACHADO, Aline Alves. “**Não preciso ser uma princesa**”: representações filmicas do gênero feminino na Walt Disney. 2021. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2021.

BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval**: e a invenção do amor romântico Ocidental. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DE LAURETIS, Tereza. A tecnologia do gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996. 79 p.

KESTERING, Virginia Therezinha. **Da princesa em perigo ao príncipe descartado**: o amor romântico nos filmes de princesa da Disney. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MARIZ, Heloísa Porto Borges. **Era uma vez... Será?** O princesamento feminino contemporâneo a partir do imaginário infantil. 2017. 108 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos) – Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura, Belo Horizonte, 2017.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. *In*: PINSKY, Carla Bassanez (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

Filmografia

MOANA: um mar de aventuras. Direção: John Musker e Ron Clement. Produção: Osnat Shurer. Califórnia: Walt Disney Pictures, 2016. 103 min, color.

VALENTE. Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Katherine Sarafian. Pixar Animation Studios, 2012. 93 min, color.